

DA ANGÚSTIA

Jacques Laberge¹

Neste momento de apresentar meu trabalho na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Recife, não posso esconder uma certa emoção, pois estou me dando conta de uma feliz coincidência: em fins de agosto de 1971, seja há trinta anos atrás, voltava ao Brasil após cinco anos em Paris.

Um analisante entra em análise, sufocado pela angústia. Que o analista não saiba dosar esta angústia leva à interrupção da análise. Experiência de fracasso. Dolorosos ensinamentos.

Poucos assuntos nos textos de Freud são mais comentados do que a angústia. Uma curiosidade para começar: o termo “angst” é mais citado em Freud do que termos como pulsão, transferência, recalque, resistência, inconsciente. E algo que chama a atenção: em 1895, Freud já havia escrito sobre o tema “angústia” o rascunho E a Fliess e dois textos *Neurastenia e angústia* e *Para uma crítica da neurose de angústia*.

Poucos assuntos também ilustram melhor a diferença entre Freud e Lacan, o avanço representado pela elaboração lacaniana, conforme o Seminário 10 de 1962-63, *A Angústia*.

Que diferenças?

Para Freud, o afeto da angústia (*Angstaffekt*) é sinal de perigo (*Affektsignal der Gefahr*), perigo da castração, retratado nas separações (*Trennung*), nas perdas (*Verlust*), as fezes separadas do corpo, o desmame, o nascimento chamado castração da mãe na equivalência criança-pênis. E a angústia da morte é análoga à angústia da castração. O fim do capítulo VII de *Inibição, Sintoma e*

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

angústia de 1926 apresenta esta antecipação do complexo de castração aos primórdios da vida da criança, precioso legado para Lacan que nos adverte, porém, de que não se deve confundir castração e angústia.

Para Lacan, na angústia não se trata da expectativa da ausência, da perda, da separação, mas da iminência da presença, do sinal do desejo do Outro, sinal dado pelo eu ao sujeito: *A angústia não é sinal de uma falta, mas (...) o defeito deste apoio da falta (...) quando a mãe está sempre em cima* (da criança), Lacan sublinhando, entre outras, a demanda anal. No caso de Hans, a angústia não seria *ligada à proibição pela mãe das práticas masturbatórias*, mas à *presença do desejo da mãe se exercendo para com ele*. Em relação ao Supereu, o que angustia não é o fracasso, mas o sucesso (5-12-62). E o trauma do nascimento enquanto angustiante não seria *separação da mãe, mas aspiração em si deste meio fundamentalmente outro* (3-7-63). Lacan fala até da angústia da mãe diante do vampirismo do bebê (15-5-63).

Em Freud que se limita em falar do “etwas”, “algo” do perigo, a angústia é sem objeto. Lacan recorre ao “não é sem tê-lo” da relação do sujeito ao falo para dizer que a angústia não é sem objeto, o que *não quer dizer que se saiba de que objeto se trata* (15-12-62). *Muito provavelmente (...) o objeto último, a coisa* (26-6-63). *É falso dizer que a angústia é sem objeto*. Prova é o *estranho-familiar*, tão bem representado pelo sonho angustiante do Homem dos Lobos (19-12-62). E o *orgasmo como equivalente da angústia (...) confirma que a angústia não é sem objeto* (29-5-63).

Algo primitivo

Há um contraste entre estas aproximações sobre o objeto e a elaboração trabalhosa e precisa a respeito do objeto (a) causa do desejo que levará Lacan, mais tarde em seu ensino, a considerar este Seminário 10 como seu melhor Seminário. A antecipação feita por Freud do complexo de castração aos primórdios da vida do bebê permite a Lacan dizer: *este objeto a, é dele de que se trata em todo lugar onde Freud fala do objeto quando se trata da angústia. (...) Não há, e por motivos, imagem da falta. Quando algo aparece ali (...) é que a falta vem a faltar (...) neste momento começa a angústia* (28-11-62). *Este objeto a é este rochedo de que fala Freud. Esta reserva última irreduzível da libido* (16-1-63). Ali, Lacan remete à castração, o que chama de menos *phi* em sua relação com a reserva libidinal não especular e também ao

narcisismo primário, ao autoerotismo, ao gozo autista, diferentes formas da falta da falta: *Não se deve ver que é ele, o falo, que está em causa. Se se vê, angústia*. Lacan remete aos vários tipos de objeto a: há os *equivalentes os mais conhecidos deste falo, aqueles que o precedem: o cíbalo, a mama. Há outros que vocês conhecem menos* (remetendo ao olhar e à voz) (...) *Estes objetos anteriores à constituição do estatuto do objeto comum, do objeto comunicável, do objeto socializável, eis de que se trata no a* (9-1-63).

A questão da anterioridade da angústia poderia ser ilustrada pelo fato da presença maciça deste tema nos primórdios do ensino de Freud em 1894-95. Mas a angústia do real como algo primeiro em relação à angústia neurótica como efeito do recalque está bem clara em 1916-17. Este algo “primeiro” da angústia real se refere às experiências iniciais da criança, nascimento, desmame, angústia diante do estranho (*fremdem*) da escuridão e da solidão como nos ensina a lição 25 das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (GW. XI, 421-422).

A angústia, *manifestação a mais brilhante, o sinal da intervenção deste objeto a*, diz Lacan, (9-1-63) é associada à algo “primitivo”, adjetivo repetido neste Seminário 10. O objeto a é causa do desejo porque está no princípio e é anterior à fase especular: *A angústia aparece antes de qualquer articulação como tal da demanda do Outro (...) anterior a esta cessão do objeto (...) algo mais primitivo que a articulação da situação de perigo* (3-7-63). A respeito do objeto anal, lemos: *ele está ali, já dado, já produzido, e produzido primitivamente, colocado à disposição desta função determinada pela introdução da demanda por algo que é anterior que estava ali, já como produto da angústia* (3-7-63).

Lacan expõe a confusão de Freud: *Em Inibição, Sintoma e Angústia, Freud nos diz ou parece dizer que a angústia é a reação, reação sinal à perda de um objeto* (5-12-62). E ele confronta este texto a um outro, anterior, seja de 1919, O estranho (*Das Unheimliche*). Por quê? Porque deste comentário de Freud sobre os contos de Hoffmann, *O homem de areia* e *o Elixir do diabo*, se destaca a referência ao duplo e a personagens idênticos na dúvida se o eu é próprio ou do estranho. Neste labirinto onde Freud admite se perder, a angústia surge frente ao estranho familiar, ilustrando *como o desejo se revela como desejo do Outro, mas diria que meu desejo entra no outro onde está esperado de toda eternidade sob a forma do objeto que sou, enquanto me exila de minha subjetividade*. Esta lição de 5-12-62 termina com a angústia como sinal da falta da falta. Assim, Lacan usa o texto *O estranho (Das Unheimliche)* para questionar afirmações de Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia*.

No primitivo da angústia, não se trataria do primitivo da falta, mas da *função angustiante do desejo do Outro (...)* ligado àquilo que eu não sei que objeto a sou para este desejo (3-7-63).

Angústia de Castração

Para Lacan que se refere mais a algo da ordem da retroação, do “a-posteriori”, Freud acertou em antecipar ao nascimento o complexo de castração, algo inspirador para o objeto a: é deste *objeto a*, é dele de que se trata em todo lugar onde Freud fala do objeto quando se trata da *angústia* (28-11-62). Mas Lacan critica Freud por confundir, na maioria de seus textos, ponto da angústia e ponto do desejo, pois Freud coloca o lugar da perda, da separação, da falta, não somente como lugar do desejo mas da angústia. Para Lacan, é o estranho-familiar o fenômeno da angústia e isto se encontra no texto de Freud *O estranho*. Angústia que diz respeito ao desejo, à falta, mas que não está no lugar da falta, mas da falta da falta, poderíamos dizer, naquele ponto em que pré-especular e especular se estranham.

E, subitamente, o leitor das sessões de 29 de maio e de cinco de junho, estranha, se angustia. Será que Lacan muda sua posição? Eis que no nível fálico, angústia e desejo se confundem, a angústia é de falta, a angústia da castração. Ali, Lacan concorda com Freud.

Já em 5 de dezembro de 62 Lacan lembra que o complexo da castração funciona não somente no nível fálico, mas em todos os níveis do objeto *a*, mama, fezes, olhar, voz mas que o falo imaginário não funciona no nível fálico. É este aspecto que desenvolve em 29 de maio: é *este esvaecer da função fálica como tal, neste nível em que é esperado para funcionar, que é o princípio da angústia de castração*. E referindo-se ao falo na cena primitiva, acrescenta: *Cada um sabe que, apesar de estar presente, visível sob a forma do pênis (...) o essencial do efeito traumático da cena, é justamente as formas sob as quais ele desaparece, se escamoteia*.

Até fim de maio, o *Seminário 10* aborda a angústia a respeito dos objetos nos quatro níveis, oral, anal, olhar e voz, como equivalentes do falo castrado, destacando a angústia em sua relação ao desejo do Outro, a estranheza surgindo neste “não sei em que nível causo o desejo do Outro”. Agora no nível da angústia de castração, surge o confronto com a falta como tal sem seus equivalentes. É interessante observar que Lacan destaca a presença do castrador, falando ali da angústia como *sinal da intervenção do Outro como tal (...) é então o Outro que ameaça de*

castração. Se não há o objeto a como equivalente do falo castrado, há o orgasmo colocado *como equivalente da angústia*, orgasmo não associado ao gozo, aquele do Seminário sobre a Ética, mas *à relação do desejo à demanda, (...) pedimos fazer amor, (...) fazer a-morrer*. E no momento em que Lacan pergunta sobre o que é demandado no nível genital, ele sublinha *a correlação estrita do aparecimento da bissexualidade com a emergência da função da morte individual (29-5-63)*. *O suporte do desejo*, dirá Lacan a 5-6-63, *não é feito para a união sexual, pois generalizado, ele não me especifica mais como homem ou como mulher, mas como um e outro*. Em 29-5-63, Lacan fala do aparecimento da angústia em um certo número de maneiras de obter o orgasmo e cita Freud a respeito do coito interrompido, dizendo que a angústia *continua designando o que é visado de uma certa relação ao outro*. Fala da *angústia de castração* não como *angústia de morte*, mas se referindo

[...] *ao campo onde a morte se anoda estreitamente à renovação da vida*. Remete a um gozo que ultrapassa nossos limites, enquanto o Outro é propriamente evocado no registro do real (...) o que Freud articulou no nível de seu princípio de nirvana. (...) *Uma mulher que não sabe com quem está lidando, é bem conforme àquilo que adiantei da relação da angústia com o desejo do Outro que ela não está diante do homem sem uma certa inquietação sobre até onde este caminho do desejo vai poder levá-la (29-5-63)*.

Isto é, mesmo no nível da castração, em que Lacan se encontra com Freud a respeito da angústia, Lacan sublinha tanto a presença do castrador quanto a presença do desejo do Outro, associando a angústia à inquietação diante do desejo do Outro, além de sublinhar que se trata de sinal do eu ao sujeito.

Lacan acrescenta a 5 de junho que propriamente...

“[...] não há castração porque, no lugar onde ela tem que se produzir, não há objeto a castrar. (...) O falo, onde está sendo esperado (*attendu*) como sexual não aparece nunca senão como falta, e é isto sua ligação com a angústia. (...) o falo é chamado a funcionar como instrumento de potência (...) é justamente porque ali onde está esperada (a potência) ela desfalece (*défaillance*), que começamos a fomentar a onipotência” (5-6-63).

Estamos aqui *no único nível em que a angústia se produz no lugar mesmo da falta de objeto*. *O obsessivo como todo neurótico, já acedeu ao estágio fálico, mas é em relação à impossibilidade de satisfação, no nível deste estágio, porque seu objeto, o a excremental, o a causa do desejo de reter vai levá-lo à oblatividade, a querer fazer da união sexual um dom, e ,*

embora, *todo o mundo quisesse que a união genital fosse um dom (...) infelizmente não há traço do dom em um ato genital copulatório* (26-6-63).

Uma expressão muito usada por Freud, angústia de expectativa (*Erwartungsangst*), parece inerente à própria angústia. Aqui, o leitor do Seminário 10, acostumado à definição da angústia como falta da falta, se defronta inesperadamente, com a angústia de castração, de falta. Nestas últimas citações, domina a expectativa: se espera o falo, e propriamente não há o que castrar. Mais precisamente, se espera a falo como sexual e aparece como falta. Enfim, se espera o falo como potência e ele desfalece. Isto é, há uma expectativa e ocorre o inesperado, o contrário, o diferente, o estranho. Até agora, podemos dizer que Lacan critica Freud por confundir ponto de angústia e ponto de desejo. Esta crítica valeria para as referências ao falo como menos phi e seus equivalentes, os objetos *a*. Mas no nível fálico mesmo, Lacan concordaria em que ponto de angústia e ponto de desejo se confundiriam.

No nível fálico, não estamos mais no campo do pré-especular, dos vários tipos de objeto *a*. Não se trata mais do ponto de estranheza entre o pré-especular e o especular. O *Unheimliche*, o estranho, se desloca. Antes, onde não se esperava nada, há algo e isso é estranho. Aqui, no nível em que se esperava o falo, só tem a falta nua. Onde se esperava algo, há nada, isso é o estranho.

Angústia, real que não engana

Um aspecto que permite destacar a dívida de Lacan em relação a Freud é a angústia enquanto real que não engana.

O tema da angústia é acompanhado durante trinta anos em Freud por uma palavra. Ele vai precisar deste tempo todo para livrar-se dela. É a palavra neurótica. No fim de seu manuscrito “E” a Fliess de 1894, já se refere, e isso é maciço nos primeiríssimos textos, a uma *neurose de angústia* onde *a tensão sexual se transforma em angústia*, algo comparado à conversão histérica. Mas alude ao aspecto real ,

[...] *a tensão física que não consegue penetrar no âmbito psíquico*, abrindo a uma dialética, nítida nas *Conferências introdutórias sobre Psicanálise* de 1916-17: *a descarga sob forma de angústia seria o mais próximo destino da libido que sofreu recalque*. (enquanto...) *a angústia do real é uma expressão das pulsões de auto preservação do eu* (GW, XI, 425, 426).

Somente em *Inibição, sintoma e angústia* de 1926, surge o seguinte posicionamento: *A angústia faz o recalque e não como havia pensado antes o recalque faz a angústia* (GW. XIV, 138). Posição confirmada em *Angústia e vida das pulsões* de 1932 (GW. XV, 93): só existe a angústia do real, a *Realangst*. Lacan comenta: *O real enquanto intervém essencialmente, como Freud o diz, elidindo o sujeito, determinando por sua própria intervenção, o que se chama o recalque* (27-2-63).

Freud escreve neurótica como adjetivo enquanto usa real não como adjetivo mas como substantivo. Surge o substantivo composto, comum em alemão, de *Realangst*, assim como existe as diferentes angústias, de nascimento (*Geburtsangst*), de expectativa (*Erwartungsangst*), de morte (*Todesangst*), de castração (*Kastrationsangst*), de saber (*Gewissenangst*), de criança (*Kinderangst*), de vida (*Lebensangst*), de separação (*Trennungsangst*), de eu (*Ichangst*).

No início de seu *Seminário 10*, Lacan apresenta a angústia no nível do real:

[...] *O afeto não é recalçado e isso Freud o diz como eu (...) Vai à deriva. Encontra-se deslocado, louco (...) O que é recalçado são os significantes que o amarram (...) Trata-se do desejo e o afeto por onde somos solicitados, talvez, a fazer surgir tudo o que comporta como consequência universal (...) é a angústia* (14-11-62).

Que a angústia seja do campo de real, é desta conclusão laboriosa de Freud que Lacan vai partir, sendo esta conclusão a grande dívida de Lacan em seus avanços sobre o tema.

Em seus seminários sobre o Eu e sobre as psicoses Lacan dá suas primeiras definições do real: “o real volta sempre ao mesmo lugar” e “o real não engana”:

[...] *Algo que se encontra sempre no mesmo lugar, que a gente tenha estado ali ou não (...) tal estrela em tal meridiano* (S2, 342-343). *O correlato dialético da estrutura fundamental que faz da palavra de sujeito a sujeito uma palavra que pode enganar, é que haja também algo que não engana. Para Aristóteles, quem o assegurava, na natureza, da não mentira do Outro enquanto real? Senão as coisas enquanto voltam sempre ao mesmo lugar, a saber as esferas celestes* (S3,78). *Para um discípulo de Aristóteles, Deus é a esfera a mais imutável do céu* (S3, 324).

Em oposição ao real que não engana, eis o nível do simbólico, da fala enganadora, que na transferência se articula ao imaginário enganador, engano da consciência de si no sujeito suposto saber, *suposto ser transparente em seu próprio ato de conhecimento* que Lacan associa à imagem do corpo (12-12-63).

O elemento não enganador é essencialmente diferente depois de Aristóteles, mas se encontra tanto em Descartes que fala de *Deus enquanto não pode nos enganar* quanto em Einstein que chama Deus de “honesto”. Esta idéia de real é *essencial ao mundo da ciência (...)* *Nunca constatamos algo que nos mostra no fundo da natureza um demônio enganador (...)* *a matéria não é trapaceira (...)* *nós nos enganamos, não se trata que ela nos engane* (S3, 77).

É significativo que Lacan tenha trabalhado o tema da angústia neste período de 1962-63, na expectativa de uma crise sem precedente. Podemos pensar na angústia de Lacan diante do desejo do grande Outro institucional tomando emprestada a voz de Freud. No fim de 1963, ruptura com a IPA, cancelamento do Seminário *Os Nomes do Pai*. Dali, sobra um resto iniciando o *Seminário 11* sobre os quatro conceitos, um sonho que, diz Lacan,

[...] *de todos os sonhos que são analisados no livro se destaca – sonho suspenso ao mistério o mais angustiante, aquele que une um pai ao cadáver de seu filho (...)* *Não vês, pai, que estou queimando?* (S11, 35). *A angústia é aquilo que não engana* (S11,41). *O real é aquilo que se encontra no mesmo lugar – neste lugar onde o sujeito (...) não o encontra* (S11, 49). *Encontro marcado ao qual somos sempre chamados com um real que se esquiva* (S11, 53). *O encontro que falhou (manqué) se apresentou em primeiro lugar na história da psicanálise sob uma forma (...) o traumatismo* (S11, 54).

Do desencontro entre pai e filho, ilustrado pelo grito angustiante de Lacan a Freud (Pai, não vês...?), passa-se ao desencontro como estrutural: *O mau encontro central está no nível do sexual* (S11, 62). O que volta ao mesmo lugar é o desencontro. Isso não engana. O real da angústia que não engana abre o caminho à futura definição mais insistente do real: o impossível do “rapport” sexual.

A dimensão do estranho traz algo de outra ordem do que o engano, do que o engano da transferência e de seu amor especular entre o outro enganador e o outro enganado. A dimensão do estranho remete à causa do desejo cujo objeto escapa. O objeto (*a*) não enganador se opõe ao objeto especular.

É sutil esta referência à angústia como não enganadora. Assim lemos a 12-12-62:

A existência da angústia é ligada a isto que toda demanda, fosse a mais arcaica e a mais primitiva, tem sempre algo de enganador, em relação àquilo que preserva o lugar do desejo, e que é o que explica também o contexto angustiante do que dá uma resposta que preenche à esta falsa demanda. (E Lacan se refere à mãe sempre em cima da criança.) (...) *preenchimento total de um certo vazio a preservar que não tem nada a*

fazer com o conteúdo nem positivo, nem negativo da demanda, eis onde surge a perturbação onde se manifesta a angústia.

É mais sutil do que se pensa tentar entender como a angústia não engana. Lacan fala da angústia como falta da falta. Ora, poderíamos definir o especular como falta da falta, como negação da falta e a “estranheza” sublinhada por Lacan em relação à angústia é que algo não especular aparecia como sendo. Por outro lado, como Lacan nos diz: *Não há falta no real (...) a falta, ela é simbólica* (30-1-63). A falta da falta como definição do real remete à estranheza radical do desencontro entre o a anterior, o a associado à equivalente do falo da castração e o imaginário especular. A falta da falta como imaginária especular é de outra ordem que a falta da falta como real. Podemos pensar: “há algo neste engano que não engana”. No Seminário R.S.I, Lacan coloca a angústia chamada *algo que parte do real* (10-12-74) na intersecção do real com o imaginário .

[...] Só a noção de real, na função opaca que é aquela da qual sabem que parto por lhe opor aquela de significante, permite nos orientar (...) a angústia, de todos os sinais é aquele que não engana. Do real, e eu disse, de um modo irreduzível sob o qual este real se apresenta na experiência, a angústia é o sinal (6-3-63). Lemos na lição de 13-3-63: *é bem do lado do real, em primeira aproximação, que temos que procurar a angústia como aquilo que não engana.*

O que o Outro quer necessariamente, sobre esta via que condescende a meu desejo, o que ele quer, mesmo que não saiba de jeito nenhum o que quer, é todavia necessariamente minha angústia (13-3-63) . O Outro pode me enganar, mas não neste ponto: o Outro quer minha angústia.

Um objeto escondido está na mola desta fé, feita ao primeiro motor de Aristóteles (...) esta certeza que se apega àquilo que chamarei a prova essencial, (...) aquela que tende a se fundar na perfeição objetiva da idéia para ali fundar sua existência, (...) esta certeza, aqui, já a nomeei , podem reconhecê-la, pois a chamei por seu nome, é aquela da angústia ligada à aproximação do objeto, esta angústia da qual disse que é preciso defini-la como aquilo que não engana, a única certeza ela, fundada, não ambígua da angústia, a angústia precisamente enquanto todo objeto lhe escapa. E a certeza ligada ao recurso à causa primeira (...) esta certeza (...) é um deslocamento, uma certeza segunda, e o deslocamento de que se trata é a certeza da angústia (8-5-63).

Angústia, inquietação por não saber em que nível sou causa do desejo do Outro, é uma incerteza sobre uma certeza. Certeza de ser a causa, isso não engana. Incerteza do nível do

“como sou causa”. *Unheimlich* entre o não saber e a certeza de ser causa, *unheimlich* entre incerteza e certeza.

A angústia não engana porque é do Real . Isso provém de Freud. Lacan retoma, é real, isto é, não engana porque não é da ordem do significante, nem da ordem especular. Não engana, porque indica a presença do desejo do Outro. Não engana porque é anterior à demanda e em toda demanda há algo falso. A angústia não engana porque indica com certeza a aproximação do objeto causa do desejo. Não engana porque o objeto do desejo escapa. Não engana porque o Outro quer minha angústia.

Pesadelo, em cima de pesadelo. Não agüento. Você, analista, não se preocupa com tanto pesadelo? Possivelmente, na aprendizagem de dosar a angústia, me ocorreu a frase: “quando sua vida era um pesadelo, eu me preocupava!” Mas a tarefa só está começando: trata-se daqui para frente de permitir ao analisante nomear esta angústia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREUD S. *Briefe am W.Fliess*, Frankfurt am Main, Fisher, 1985.

_____. *Gesammelte Werke*, Frankfurt am Main, S. Fisher Verlag.

LACAN J. *Séminaire 2, Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, (1954-55), Paris, Seuil.

_____. *Séminaire 3, Les Psychoses*, (1955-56), Paris Seuil.

_____. *Séminaire 10, L'Angoisse* (1962-63), Publication hors commerce.

_____. *Séminaire 11, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, (1964), Paris, Seuil.

Extras:

No início lição 32 das *Novas Conferências* (1932), encontramos algo em Freud que inspirou Lacan quando afirma que há propriamente somente um afeto, a angústia. Freud lembra que é a idéia que é recalcada *mas que sua quantia de afeto é regularmente transformada em angústia (...) seja este afeto de agressão ou de amor* (GW XV,90).

Na mesma lição, algo esclarece as afirmações de Lacan neste Seminário sobre o desejo que não tem a ver com ser homem ou ser mulher. Freud afirma:

[...] “Não é bem assim que se reconhece uma pulsão sexual que desde o início veicula a tendência para o fim da função sexual, da união de duas células sexuais. Mas vemos um grande número de pulsões parciais, de diferentes lugares e regiões do corpo que, independentes uns de outros, tendem para o fim de satisfação e encontram a satisfação em algo que podemos chamar o prazer do órgão (*Organlust*). As genitálias são os últimos (*spätstens*) entre estas zonas erógenas (...). Nem todos estes movimentos tendentes ao prazer são tomados na organização final da função sexual” (GW XV, 104-105).

E Freud se refere às *fases pré genitais*, a primeira, a fase oral (*Mundzone*), a segunda fase, aquela dos *impulsos sádicos e anais* (dentes, músculos, esfíncteres). A terceira é a fase fálica, quando o membro do homem toma um sentido destacado para ambos os sexos. E Freud diz que reserva o nome ‘fase genital’ para depois da puberdade quando *os genitais femininos encontram um reconhecimento que os genitais masculinos haviam conseguido há tempo*.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.